



Editorial

É com imensa satisfação que anunciamos o número 2 do 19º volume, de 2025 da Revista Santa Catarina em História. A edição conta com 8 estudos de graduandas e graduandos do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Os mesmos são frutos da disciplina de História de Santa Catarina lecionados por Cristina Scheibe Wolff e Janine Gomes da Silva no primeiro semestre de 2025.

A atual edição traz para o debate temas importantes que dialogam com questões presentes em nosso cotidiano, como imigração, resistência camponesa, nazismo, racismo, representação de mulheres na imprensa, na política e na ditadura, mostrando como nossas vivências são atravessadas pela ciência histórica, e como temas ditos muitas vezes como atuais, são resquícios de um passado que modela nosso presente. A diversidade de temas trazidos na atual edição é reflexo da pluralidade de seus autores e autoras, que vindos de diferentes regiões e contextos existentes no Brasil, promovem uma pluralidade de interrogações acerca das narrativas existentes.

Nesta edição, a capa foi pensada e elaborada pela pesquisadora e fotojornalista Elaine Schmitt, que de seu acervo pessoal resgatou uma imagem dos preparativos para a manifestação pela descriminalização do aborto em Florianópolis, realizado em 2018. A fotografia em preto e branco retrata as mãos de uma manifestante com um spray de tinta elaborando um stencil em uma jaqueta jeans com o símbolo do punho feminista. A arte tem como propósito dialogar com os temas trazidos nos artigos, onde os autores e autoras destacam a presença de mulheres na história catarinense e a resistência de camponeses e da população negra nos contextos regionais de Santa Catarina. O simbolismo pensado para a capa reflete como nós, enquanto sujeitos, somos frutos de uma luta que busca construir uma sociedade mais justa e igualitária, e que disputando narrativas temos como objetivo combater o machismo, o racismo, o nazismo e toda forma de opressão.

Apresentando os estudos presentes, trazemos a resistência camponesa existente no estado, com o estudo de Gustavo França Sperandio “**Entre facões e fuzis: repressão estatal e resistência camponesa no caso Olívio Albani em Palma Sola-SC (1989-2020)**” que tem como proposta analisar a repressão estatal na região do oeste catarinense contra o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) através da análise do caso de Olívio Albani, sem-terra assassinado por forças da Polícia Militar de Santa Catarina. A análise se concentra nos integrantes do movimento, expostos em matéria memorialística do MST, dos quais vivenciaram o confronto com forças da Polícia Militar de Santa Catarina.

A presença do (neo)nazismo aparece no estudo de João Gabriel de Souza Paz. Em “**Dois tipos de nazismo: o caso de Santa Catarina**”, o autor propõe uma análise entre duas manifestações do nazismo na história do estado de Santa Catarina: sua existência como partido político em meados do século XX, e sua recente ascensão na forma de grupos neonazistas no século XXI, buscando expor a diferença entre ambas manifestações citadas, e entender as transformações do nazismo na história recente do Brasil.

Para pensar a atuação de mulheres durante a ditadura militar no estado, o estudo de Bárbara Távora Kalabaide, “**A atuação feminina em Santa Catarina durante a ditadura militar (1964-1985): repressão, resistência e colaboracionismo**” analisa o protagonismo feminino nas diferentes ações políticas, como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade e a Novembrada em Florianópolis, além de pensar o papel da imprensa da difusão de valores cristãos acerca da ditadura.

Falando da representação de mulheres na imprensa temos o estudo de Luciana Pedrazzi Daer, “**Mercantilização do Corpo Feminino: Anúncios de Prostituição no Jornal O Correio do Povo (2000–2005)**” que investiga como anúncios de prostituição publicados no jornal O Correio do Povo (2000–2005) de Jaraguá do Sul refletem a mercantilização do corpo feminino e a legitimação do sexo pago como prática social em centros urbanos. A pesquisa evidencia o papel da mídia na naturalização da prostituição, apresentando o corpo da mulher como mercadoria moldada ao desejo masculino, dentro da lógica capitalista e patriarcal que silencia as violências simbólicas e materiais envolvidas nessa prática.

Já o estudo de Carlos Eduardo Vilches “**Reação da imprensa catarinense à candidatura de Antonieta de Barros para Assembleia Legislativa de Santa Catarina (Julho-Outubro de 1934)**”, faz a análise de seis jornais presentes na Hemeroteca Digital Catarinense, para examinar como os mesmos abordaram a candidatura de Antonieta de Barros à Assembleia Legislativa de SC em 1934, destacando e problematizando a atuação da imprensa no contexto político pós-1930.

A questão da imigração no estado também aparece em dois estudos desta edição. Isaac Petry Pereira Carmen em “**Imigração luxemburguesa em Santa Catarina (1861-1865): considerações, motivações e contexto**” investiga a vinda de imigrantes de Luxemburgo para Santa Catarina entre 1861 e 1865. Para isso, o autor confecciona uma tabela a partir de fontes catarinenses e luxemburguesas, que por meio de dados cruzados com jornais do Grão-Ducado, mapeiam-se perfis, rotas e destinos desses imigrantes, além de pensar fatores de atração e de expulsão dessa população. propondo uma reflexão crítica sobre o termo “imigração luxemburguesa” e suas implicações identitárias e políticas.

Já em “**Entre o preconceito e a permanência: A imigração Árabe em Santa Catarina**”, o autor Theyllor Menezes de Souza, analisa como se deu o processo de imigração e a consolidação da presença árabe no estado de Santa Catarina a partir de bibliografia estudada sobre o tema e qual imaginário foi criado pela elite local sobre os imigrantes de acordo com alguns jornais da época. O autor traz como os estereótipos enfrentados constituíram um dos pilares na construção da identidade desses imigrantes árabes na região.

O estudo de Heloísa Santos Cardozo “**Segregação Racial e Resistência Negra em Itajaí no Século XX: Sociedade Guarani e Sociedade Sebastião Lucas**”, trata sobre como a presença do racismo brasileiro atuou de forma segregacionista na cidade de Itajaí, impedindo a população negra de frequentar certos lugares, e como a mesma resignificou criando espaços próprios de resistência.

Agradecemos a todas as autoras e autores que se propuseram a divulgar suas inquietações conosco. Que a jornada acadêmica de vocês seja repleta de descobertas, pois a historiografia de Santa Catarina só tem a ganhar com o empenho de vocês. Um agradecimento especial a equipe editorial coordenada pela professora Cristina Scheibe Wolff e composta por Bruna Brusnello, Isabela Rodrigues Regagnan, Luiza Raquel Waulczinski, Renata Juliana Faé Barp e Thais Andrade de Assis que se dedicaram para tornar essa edição possível. Aos leitores, que os estudos aqui presentes auxiliem na compreensão das questões tão relevantes que foram trazidas neste número. Até a próxima edição!